

Preço da assignatura

| | |
|-------------------------|------------|
| Anno | 1\$300 rs. |
| Semestre | 650 " |
| Trimestre | 350 " |
| Numero avulso | 30 " |

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

| | |
|---------------------------------|--------|
| Annuncios e communicados, linha | 40 rs. |
| Repetição, por linha | 20 " |
| No corpo do jornal | 100 " |

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

"Quae sunt Caesaris...."

Sendo por mim redigido — á mingua de obreiro mais competente que quisesse metter ombros ao pesado fardo — quasi tudo o que, desde a fundação deste semanario, aqui se tem publicado sem assignatura, e ainda não poucas coisas que saíram com alguma assignatura, cabia-me de justiça a correlativa responsabilidade doutrinal e litteraria.

Quanto á primeira, cuido que, mercê de Deus, me não escapou jámais coisa alguma que offendesse a verdade — e mui particularmente a verdade catholica — nem os bons costumes. Acautelando porém traições da ignorancia, não duvido dar por não escripta qualquer palavra que, sem eu dar fé, contenha algum erro de qualquer especie.

Quanto á segunda, escrevendo quasi sempre muito á pressa, em pequenos intervallos de graves e variadas obrigações, sem tempo de reler o que escrevia — quanto mais de o emendar — muitos defeitos me haviam de escapar (e escaparam com certeza), que, apesar da notoria insciencia, houvera evitado ou corrigido em mais pausada elaboração. Mas a respeito de semelhantes defeitos. . . paciencia.

Sendo-me porém impossivel continuar com o encargo de redactor principalissimo (na quantidade de trabalho) deste semanario — o que aliás por mais do que um titulo tornava defeituosa a publicação —, e conseguindo felizmente alijar em mãos competentes a maior parte da penosa tarefa, será muito menor daqui por deante o contingente da minha collaboração. E, prevenindo que a impericia e deselegancia da minha tosca penna não venham a pesar sobre o nome de ninguem, publicar-se-ham com assignatura os artigos que de futuro eu para aqui escrever.

Parece-me que devia aos leitores este esclarecimento pela mudança de situação a que me obriga, não o intuito do descanso, mas o pêso doutros importantes ministerios.

P. José Lopes Leite de Faria.

Ignorancia religiosa Necessidade do catecismo

E' verdade corrente para quantos estão habituados a pensar seriamente nos mais importantes problemas da vida, que o estado religioso da nossa hodierna sociedade é devêras lamentavel.

Surjam muito embora, de tempos a tempos, grandiosas manifestações de caracter piedoso, como as que no anno passado espantaram a nação, levando os seus echos muito além das fronteiras: revelam sem dúvida um fundo de fé e piedade na alma portuguesa, que, opportuna e convenientemente despertado, explúe em consoladoras expansões de enthusiasmo religioso.

Mas a piedade não é só para demonstrações apparatusas; a religião não é só para occasiões excepcionaes; a fé não é um hábito que se tenha guardado só para momentos solemnes. A fé, a religião, a piedade sam para cada dia e para cada hora: tam necessarias á vida sobrenatural da alma, como a respiração ao aleito natural do corpo.

Que vida é a dum cataleptico, que não vê, não ouve, não sente coisa alguma do que lhe fazem ou se passa em tôrno de si? Que importa que ao despertar, após largos intervallos de inercia, se perceba que nelle ainda se não extinguiu de todo o sópro vital? Morto quasi sempre e vivo só por momentos, o seu miserio estado mais parece morte do que vida.

Assim muitos catholicos de hoje: associam-se de mui bôa mente, não só com especiosas apparencias, mas creio que por sincero movimento de piedade, a certas manifestações religiosas, e não ha em sua vida um só momento em que tolerem que alguém os tome por mortos em religião. Ai de quem puser em dúvida a inteireza e sinceridade das suas crenças e sentimentos catholicos! Mas o certo é que o seu somno, em materia de religião, é mais profundo e o seu despertar mais passageiro do que o do mais insensivel cataleptico. Nenhum dos deveres ordinarios da vida christã os move; nenhum agravo á religião os impressiona.

Ide exigir a esses catholicos outras provas da sua fé, que não sejam aquellas transitorias explosões de enthusiasmo. Vivem quasi como incredulos: desmentem com todo o processo da vida as crenças que ás vezes affirmam com os labios. Sam elles quem sustenta a imprensa impia; sam elles quem constitue a massa dos partidos inimigos da Igreja; sam elles quem abarrota os theatros e bailes immoraes; sam elles quem frequenta os peores focos da ociosidade; sam elles quem despreza a bôa ordem doméstica; sam elles quem descarta a educação de seus filhos; sam elles quem requinta a vaidade e o luxo; sam elles finalmente quem

cultiva por hábito e sem escrupulo as maximas e prácticas mais diametralmente oppostas aos ensinamentos christãos. Vam raras vezes e com notoria desedificação á igreja; fogem da frequencia dos sacramentos e actos de piedade e escarnecem das pessoas mais devotas; fallam e vivem liberrimamente.

Sam como a terra, em cujo ingrato seio se guarda preciosa semente, a qual todavia não germina nem fructifica senão ao calor dum sol que só por momentos se desanuvia. Para darem algum accôrdo de si, precisam do excepcional calor dos enthusiasmos.

Poderá alguém duvidar de que sejam assim muitos dos catholicos que engrossam as grandes manifestações da religião? — E comtudo, repito, estou convencido de que em taes occasiões excepcionaes esses catholicos procedem sinceramente e aquellas grandiosas demonstrações collectivas com razão se podem e devem ter por demonstrações de fé e piedade.

Nem admira: aquellas sublimas solemnidades até nos indifferentes confessos despertam sentidos enthusiasmos, levando-os por vezes ás lagrimas e sendo não raro occasião de felicissimos triumphos da graça de Deus na conversão de grandes impios. Não admira, digo, que em taes momentos se avive a fecunda semente da fé escondida naquella terra inculta e desabroche em ephemeris flores de sentida piedade.

Mas é evidente que a vida christã é mais alguma coisa do que isso: mal iria á vida temporal dum homem, que só se lembrasse de tratar della em raros momentos solemnes.

Mas donde virá este lastimoso estado da alma catholica? Donde virá esta funestissima fluctuação de sujeitos que se dizem e têm realmente alguma coisa de catholicos? — Parecem-me complexas as causas: mas tenho para mim que a principal é a pasmosa ignorancia religiosa que lavra em muitas almas. Bem sei que a fé não é a mera convicção da verdade: mas como ha de servir de regra á vida o simplez conhecimento de que a religião ensina verdades que se devem crer e prescreve deveres que é mister praticar, sem haver um razoavel conhecimento daquellas verdades destes deveres? Como poderão triumphar da formidavel torrente de influxos contrarios umas ideias religiosas incompletas, amortecidas, raras vezes avivadas?

Desde a infancia até á velhice em tudo se pensa, em tudo se lida, em tudo se consome a curta existencia: mas á instrução religiosa votam-se quasi sempre os ultimos cuidados. Um official de qualquer officio principia cedo e gasta largos annos em aprender a arte em que algum dia virá a ser consummado; e não dá por terminada a sua tarefa de aperfeiçoamento, senão quando a morte vem pôr termo á limitada se-

rie de seus dias. O mesmo passa com o cultor da sciencia e com todos aquelles que pretendem fazer bem o que fazem. «Apprender até morrer», dizem.

Na ordem religiosa, não: a primeira coisa em que se pensa, quando uma creança vai attingindo a idade propria, é abrir-lhe desde logo um caminho por onde airosa e prósperamente possa entrar no mundo. Quanto ao catecismo, o sublime codigo da vida christã, basta consagrar-lhe alguns escaços momentos, subcessivos de todos os outros trabalhos e distracções, lá para as vizinhanças da primeira communhão, que se faz tarde e mal. Assim, primeiro se imbuem os animos tenros das creanças em mil erros, do que nelles se lance a semente da verdade; primeiro se enraizam ali os vicios, do que se plante o germe da virtude.

E, quando se ensina o catecismo, como se ensina? — Ordinariamente ensinam-se ás creanças — coitadinhas! — meras fórmulas, ás vezes inintelligiveis para todos, mas quasi sempre para aquellas almas em botão, a quem sam ministradas sem explicação methodica e efficaz: como se a fé consistisse na repetição de estereis palavras, a que se não liga nenhuma ideia. E como não ha de ser assim, quando quem ensina ignora aquillo mesmo que devia ensinar, ou, não o ignorando, toma por norma a prática de quem o ignora? — O certo é que, quando a creança está habilitada a papaguear (assim se diz, e não pôde haver termo mais proprio) algumas incorrectas fórmulas, vai ao exame do parochio (é evidente que não fallamos dos parochos bons), o qual, desgraçadamente, até essa cerimonia escusa algumas vezes. E' admitida á primeira communhão, e em materia de instrução religiosa methodica e systematica. . . mais nada. E' uma ficção, uma irrisão em assumpto muito serio!

A primeira communhão, que a creança faz sem saber o que faz, é o acto de doutoramento que corôa a formatura religiosa duma grande parte da nossa sociedade.

Depois vêm os vicios, vêm as paixões, vêm as más leituras, vêm as más companhias, vêm os maus exemplos, vêm as necessidades materiaes da vida, e o infeliz adolescente não tem para sustentaculo da sua religião e virtude, senão a minguada bagagem de estereis fórmulas, com que a familia e o parochio julgaram sufficiente apparellhá-lo para as luctas da existencia. Os deveres religiosos vam-se cumprindo. . . exteriormente: vai-se fazendo aquillo que é de costume, e quasi só porque é de costume. Se alguma destas almas, por especiaes circunstancias, se sente levada a uma vida mais piedosa, a sua piedade é superficial, não têm raizes fundas; é uma piedade que se contenta quasi só com exterioridades e se desmente perante as mais ligeiras provações.

Poderá alguém negar seria-

mente que seja este o teor da formação religiosa que hoje em dia se ministra a um grandissimo numero de infelizes creanças? E que religião ha de resultar daqui senão a que se vê? — Forma-se uma vida christã mais impropria para se aperfeioar com o progresso da idade (por falta de terreno adequado em que prendam as isoladas lições de religião e exemplos de virtude, que advenham no decurso da vida), do que para nella germinarem e se arraigarem os mais absurdos erros, os mais perigosos e estupidos preconceitos contra a mesma religião.

Verdade é que do mais ou menos longo tirocinio das fórmulas, e da convivencia com pessoas religiosas resulta sempre uma ideia vaga, muito imperfeita, muito assombrada de illusões, a respeito da fé, do mundo e vida sobrenatural. E é esta frouxissima luz a que, incapaz de luzir por si mesma, vem, avivada e reforçada pelo enthusiasmo de occasiões solemnes, a produzir bellas miragens de fé e piedade.

Ensine-se pois o catecismo, como pedem todas as razões e conveniencias e como tam instantemente recommenda o grande Pontifice, que preside á Igreja de Deus: mas ensine-se bem, ensine-se intelligentemente, ensine-se com methodo, ensine-se com perseverança, ensine-se pelo menos como se ensinam outras coisas da vida que precisam de ser entendidas e praticadas. Comece a ensinar-se logo que as creanças tenham a idade propria e antes que o erro e o vicio tomem assento em suas almas tenras. Mas não se limite o ensino á preparação para a primeira communhão: na idade em que esta deve ser feita, ainda a creança não está em condições de receber toda a instrução religiosa com que deve entrar na vida. Nem se ensine o catecismo só ás creanças: ensine-se aos adolescentes, ensine-se aos adultos, ensine-se aos velhos, ensine-se emfim a quantos o não souberem. Faça-se pela religião ao menos o que se faz por qualquer profissão da vida temporal.

Nem valha a objecção de que se encontram nisto muitas difficuldades e é custoso remar contra a corrente: pois, por isso mesmo que o mal é grande, é que mais necessidade ha de applicar o remedio. E, para que as difficuldades deminuem, é preciso combatê-las; e ninguem as combate ficando com os braços cruzados. Sem se começar, nunca se acabará.

Que tremenda não é a responsabilidade daquelles que, sendo obrigados por officio a lidar opportuna e importunamente pela salvação das almas que lhes foram confiadas pela Providencia, descaram o fundamentalissimo dever do catecismo!

P. J. L. Leite de Faria.

Carta do Porto

Estão aguçadas, na verdadeira e litteral acepção da palavra, as festas carnavalescas que, este anno, tinham aqui um programma inegualavel em terras de Portugal. A chuva tam desejada pelos nossos agricultores, cá torrencialmente sobre o solo ávido, que a agradece reconhecido no que mais fresco da relva que o povoa. E os fenianos, num enlouquecido furor, semelhante à loucura com que se propozeram a divertirem-se, carpem a sua sorte e maldizem o elemento que, sem previa licença ou consentimento, tem a indelicadeza e ousadia de se precipitar sobre suas cabeças, impondo-se a missão de lhes apagar o fogo deleterio e improprio para a vida em que uma chamma de prazer os envolve ha uns meses a esta parte.

De facto, se não fosse a justificação de o bem maior poder licitamente sacrificar o menor, não só tinham immensa razão os fenianos em lamentarem-se, perante a ameaça que a chuva lhes faz de os ter reclusos em casa durante dias inteiros, que desde já se propunham malbaratar na rua, mas tambem toda a cidade do Porto que perderá, —no caso da chuva se não arrender, — um espectáculo grandioso, que se impunha a todos, na sua generosidade de ser gratis.

Quod volumus, facile credimus. Era espectáculo curioso de ver-se a azafama com que se procedia aos preparativos da festa. Havia a crenga inabalavel da sua realização e por isso ninguem se guardava para a última hora. Verdade seja, que o sol arrastava a este doce engano com os seus resplandecentes raios de ouro e prata a illuminarem durante os dois últimos meses o ceu e a terra. Mas, ou fosse por isso ou por ser um facto a soberania popular que agora queria as festas carnavalescas, o certo é que na Praça de D. Pedro se levantaram dois lindos palanques donde os forasteiros mais endinheirados — a falta de pessoas de relações e amizade que lhes offerecessem uma varanda ou uma janella — poderiam á vontade ver, mediante modica quantia, e admirar as diversas exhibições que em forma processional ali haviam de passar. Outro tanto aconteceu com a escadaria de St.º Ildesonso; ouvimos dizer a pessoa conhecedora dos factos que só o aluguel para lá se levantar um palanque foi de 400\$000 reis. Tanto não quis a camara receber daquelles que para igual fim tomaram a dita praça.

Lembrada do antigo aforismo que ensina que «do pão do compadre grande fatia ao afilhado», resolveu cedê-la de graça. No entretanto, cada engraxador, que ali exerce o seu officio, — não pedimos desculpa ao leitor desta intercalação por estarmos no estrado —, paga 2\$000 reis, ou sejam de imposto de rendimento, ou industria de officio, ou aluguel de espaço!

O trabalho dos carros allegoricos, que na terça-feira se propoizer fazer a sua marcha triumphal atravez das ruas principaes desta cidade, tem sido cuidadoso e fatigante, achando-se alguns já quasi acabados. De Lisboa chegaram noticias, alguns dias já passados, que o numero de excursionistas inscriptos para virem aos festejos do Porto se elevava a cinco mil!

Das diversas cidades e villas da provincia preparam-se grandes contingentes para virem assistir ao grande espectáculo. E os hoteis, desejando dar a todos gasalhado condigno, empenham-se na lousavel tarefa de obterem em casas particulares quartos confortaveis que assegurem a todos, não só o bom estado de sua saude, mas tambem affirmem as tradições de

bizarria de que o Porto sempre gozou com justo titulo.

Porém, forasteiros com bolsas recheadas de dinheiro para cá ficar, marcha aux flambeaux de sabbado, grande cavallhada de domingo, pyrotechnia multicolor de segunda, descommunal cortejo de terça e imponente procissão de cinza na quarta, — que, mal parece dizer-se, tambem faz parte dos festejos do carnaval, — tudo está ameaçado de morrer afogado ou resignar-se á infeliz sorte de não dar um passo fóra de casa. «Deus super omnia» dizia o bem informado, neste particular, Borda Leça; e pena é que nem todos pensem como o modesto auctor do citado almanaque. Em verdade, quem vê uma sociedade, como a do club dos fenianos, que promove ao mesmo tempo, com o fim unico e exclusivo de divertir-se, festas paganzadas, como sam as carnavalescas, e festas religiosas, como é a de cinza que promoveram, offerecendo para tal fim 600\$000 reis, deve concluir que essa sociedade não crê na maxima «Deus super omnia»; pois se assim o acreditasse não lhe seria difficil concluir que Deus lhe havia de aguar os divertimentos.

Pois viu-se por acaso coisa mais contradictoria e ridicula do que esta de festejarem juntamente Deus e o diabo?

Se Deus se dignar dar-lhes a lição sabido é já que a não tomarão, porque para uma sociedade que se diverte nada lhe pôde dar gosto se não tiver este sabor material e por isso dizem: chovendo agora fica tudo para o *mi càreme*. E tambem a procissão de cinza?

R. L.

As Bem-aventuranças Evangelicas postas ao alcance de todos

X

Setima Bem-aventurança

«*Beati pacifici, quoniam filii Dei vocabuntur*» — «Bem-aventurados os pacificos, porque serão chamados filhos de Deus».

Que é a paz? — Santo Agostinho dá della esta definição: «*Pax rerum tranquillitas ordinis*». A paz é a tranquillidade na ordem, quando tudo está calmo, quando tudo está em seu lugar, então tudo está em paz.

Reina a paz no mundo, quando os dois poderes que o governam caminham de accôrdo, quando a Igreja e o Estado estão em harmonia. Reina a paz na sociedade, quando os dois poderes que produzem a riqueza — o capital e o trabalho, o patrão e o operario — se entendem um com o outro. Reina a paz na familia, quando o pae e a mãe sam respeitadas. Reina a paz no individuo, quando os sentidos estão sujeitos à razão e a razão à fé; porque então tudo está em ordem e a ordem produz a paz.

A paz é o grande dom feito por Deus ao mundo. Ao nascer o Salvador, os anjos annunciaram paz aos homens de boa vontade. Morrendo, o divino Mestre deixou a sua paz aos apóstolos: «*Eu vos deixo a minha paz*» disse elle; não a que o mundo dá, mas uma paz muito superior. A paz do mundo é ficticia e sobretudo hypocrita. A paz de Jesus-Christo é uma paz sincera, profunda, que vai até ás raizes da alma e a enche duma alegria sem mescla.

Santo Agostinho diz que as outras sete Bem-aventuranças conduzem o homem à perfeição, mas que esta suppoizer que elle já lá chegou e que está prompto, para a conser-

var, a soffrer toda a especie de affrontas e de tormentos.

Não ha virtude superior à paz: ella é o fim e perfeição de toda a virtude. Paz!... Que deliciosa palavra! É um balsamo para todas as feridas do coração.

Cicero diz que nada é mais caro ao povo do que a paz: só quando as armas se calam, é que a agricultura floresce, as artes se expaudem e a sciencia se desenvolve. Para a familia a paz é um bem mais precioso do que um palacio dourado: só quando reina a paz no lar domestico é que ali se vêem assentada a felicidade e a alegria.

E os povos, vêem como parece despertar-se nelles uma vida nova, quando, após sanguinolentas guerras, se tem concluído a paz. Então soam de toda parte cantos de alegria. A voz do bronze vai levar a feliz nova às collinas e aos valles.

A felicidade que a paz causa é tam grande, que, na noite em que o ceu e a terra se reconciliaram, os anjos não quizeram annunciar outra coisa aos homens de boa vontade.

Todavia é bom advertir que nem toda a paz é boa. Desde o primeiro peccado existe a guerra no mundo, e só por um espirito ávido de combate é que se pôde alcançar a victória. Aquelle que procura a paz desatinadamente, não a encontra: nem tudo reflecte os raios do sol. O coração do homem precisa de ser primeiro purificado e posto em ordem, e muitas vezes a estrellada da paz não brilha nelle senão depois de muitas tempestades e muitas luctas.

S. Boaventura adverte que ha tres especies de paz má: uma paz impia, uma paz supposta e uma paz desordenada. Os impios não podem ter paz: tê-la-ham talvez nos labios, mas não a têm no coração.

A paz supposta é a de Judas, que atraíçoa a Jesus-Christo com um ósculo. Pretendia esta paz o povo judeu, quando pensava com os seus sacerdotes que mais valia que percesse um só em logar duma nação inteira. Foi a paz que mais tarde veiu a pairar sobre as ruínas de Jerusalem. Possuem-na os que se entregam às suas inclinações, aos seus caprichos e paixões, e consideram a renúncia e imperio sobre si mesmos como uma escravidão contra a natureza.

A terceira paz falsa, a paz desordenada, dá-se quando aquelle que foi constituído para mandar a outros é quem obedece: esta paz é peor do que a guerra.

Qual é pois a verdadeira paz? Onde se encontra ella? — Encontra-se, segundo Santo Agostinho, onde existe a ordem. A falta de paz equivale à violação da ordem.

Por sua dolorosa paixão restabeleceu Jesus-Christo a ordem perturbada pelo peccado. O divino Ressuscitado apresenta aos seus apóstolos as cinco chagas como outros tantos penhores de paz. «A paz seja convosco» lhes disse elle. Esta paz divina será desde então a herança do coração humano, se elle se libertar do peccado e se voltar sinceramente para Deus.

Santo Agostinho diz que a paz é um bem, mas ao mesmo tempo uma pena. Esta pena resulta da inconstancia da vontade.

Para sermos felizes segundo a palavra do Salvador, é preciso estarmos em paz com todos: primeiramente com Deus, por uma boa consciencia; comnosco mesmos, dominando as nossas paixões; e com os nossos semelhantes, mantendo com elles os vinculos da caridade. Só então é que gozaremos da paz de Jesus-Christo, dessa paz que excede em doçura todas os bens do mundo. «*Beati pacifici, quoniam filii Dei vocabuntur*».

(Continúa).

(Accommodado por P. J. L. F.)

SCIENCIA PRATICA

A laranjeira

Esta arvore, muito vulgarizada em Portugal, possui muitas propriedades medicinaes, que é util conhecerem-se.

As suas folhas, de sabor amargo, exhalam quando se comprimem, um cheiro agradável, devido a um oleo volátil, encerrado em numerosas vesiculas transparentes. A presença do principio amargo e deste oleo essencial, da-lhes uma propriedade essencialmente tónica. Pela excitação permanente que ellas exercem sobre a economia animal é que se empregam contra as affecções atonicas do apparelho digestivo, taes como: inappetencia, flatuosi-dades, hypocondria etc, e sam muito recommendadas contra as doencas nervosas e convulsivas.

As flores de laranjeira, notaveis pela suavidade do perfume que exhalam, têm tambem um sabor muito amargo. Encerram muito oleo volatil, muito cheiroso e um pouco acre. Pela distillação este oleo essencial passa inteiramente para a agua, communicando-lhe portanto todas as propriedades das proprias flores, e por esta razão se emprega em usos medicinaes, sob o nome de *agua de flores de laranjeira*. Esta agua, distillada, exerce particularmente a sua influencia sobre o systema nervoso. Della se faz uso em quasi todas as doencas nervosas. Ha até poucos medicamentos aos quaes se tenha recorrido mais frequentemente e com menos perigo, para acalmar as dores de cabeça, dissipar os espasmos do peito, as palpações do coração, e para alliviar essa infinda serie de doencas de nervos que acabrunham nas cidades a maior parte dos sabios, dos litteratos e dos grandes artistas.

CURIOSIDADES

Os inconvenientes do chapéo. — O abundante systema piloso no cimo da cabeça, a cabelleira, é um apanagio da humanidade nos dois sexos, e é um character physico que parece dos mais estaveis. Contudo não sam precisas largas observações para se verificar que este character vae declinando e que o vigor da cabelleira tende a diminuir nos homens. Ora apresenta-se uma questão: trata-se duma transformação da especie ou deve-se attribuir o facto aos proprios habitos do homem? Parece mais verdadeira esta segunda solução, o que é consolador, pois que é permitido esperar que o mal poderá ser atalhado. Esta perda de cabellos que se vai accentuando de geração em geração, por herança, seria devida, segundo alguns sabios, ao habito de trazer a cabeça coberta. Este habito, de tres modos affectaria penosamente o systema piloso: 1.º privando-o da luz vivificante do sol, duma livre ventilação e do movimento dos cabellos pelas correntes do ar; 2.º a pressão das arteriolas do coiro cabelludo que trazem o alimento aos bolbos dos cabellos, diminuir-lhes-hia a circulação; 3.º enfim, todas as especies de cobertura constituiriam um excellente terreno de cultura para os microbios, facilitariam o seu desenvolvimeto, estando além disso carregados delles; com effeito o chapéo, impedindo a acção germicida dos raios do sol, o movimento do ar, conservando na cabeça o calor e humidade do ar que encerra, offere-

ce todas as condições que se poderiam escolher para obter uma cultura de microorganismos. Reconheceu-se além disso que as principaes causas da calvicie sam molestias microbianas do coiro cabelludo que determinam a ruina das glandulas sebaceas. Póde, pois, suppor-se que é o habito de trazer a cabeça coberta que diminue o vigor da cabelleira pouco a pouco na especie. Se a coisa não está absolutamente provada, é muito provavel e, em todo o caso, não era mau tentar uma mudança na moda actual. Esta mudança é absolutamente desejavel, sobretudo para os homens, porque nas mulheres, além de que os chapéos só cobrem uma parte dos cabellos, elles sam muito mais leves, geralmente; a conservação dos cabellos para a especie é devida só ás mulheres, pois que os homens nesta materia dam um resultado negativo. Impôe-se, portanto, desde já, uma nova moda para meninos e adolescentes do sexo forte. Convém recordar em apoio desta theoria que os homens perdem principalmente os cabellos cobertos pelas diferentes formas de chapéos e quasi sempre conservam a corôa que escapa ao abrigo. Os promotores desta reforma respondem a certas objecções que se podem fazer: 1.º Descobrir a cabeça pôde determinar constipações, dôres, reumatismos. As constipações, catarrhos, etc., sam de origem microbiana e por isso não poderiam vir do coiro cabelludo. — 2.º Quanto ás dôres e reumatismos, o habito tomado em creança de trazer a cabeça descoberta bastará a evitá-los. Com effeito as partes da cabeça que se não cobrem, não estão mais sujeitas a essas molestias do que as que se cobrem, antes pelo contrario. — 3.º Trata-se do perigo incontestavel que ha em expôr-se de cabeça nua aos raios ardentes do sol; mas ha mil meios de o evitar sem abafar o coiro cabelludo. — 4.º O medo de os corpos septicos se poderem depositar nas partes descobertas do corpo é digno de ser attendido; mas os cuidados hygienicos do vestuario bastam a evitar as suas consequencias. — 5.º Enfim, o medo de ver os cabellos prejudicados na sua textura pelo sol, vento ou frio, não tem base séria, pois que as partes da cabeça não protegidas teem um systema piloso sempre vigorosissimo.

Thesouro. — Pouco tempo depois do rompimento de hostilidades nos Transvaal, os jornaes ingleses accusaram o fallecido presidente Kruger de ter levado de Pretoria uma somma consideravel, avaliada em mais de cem milhoes. Provou um inquerito secreto que os milhoes não tinham chegado á Europa e poseram-se em campanha numerosos aventureiros, alliados com a promessa dum grande premio. Correu a fama de que este thesouro fóra escondido num ponto da costa da Zululandia. No espaço de tres annos exploraram esta costa cinco expedições; os cinco navios naufragaram. Foi mais uma embarcação e ficou completamente perdida nas mesmas paragens. Eiz o que custou um thesouro que ainda está occulto.

NOTICIARIO

Contribuições. — Foi mais uma vez prorogado o prazo para pagamento voluntario das contribuições do Estado até ao fim do corrente mês.

Aviso aos contribuintes.

✱

Recrutamento. — De harmonia com os art. 135 a 137 do Regulamento dos Serviços do Recrutamento Militar, os mancebos recenseados no presente anno que desejem o seu adiamento devem apresentar as suas reclamações até ao dia 31 do corrente mês.

Essas reclamações, porém, só podem ser feitas quando os mancebos estejam nas seguintes condições:

Ter um irmão recenseado neste mesmo anno; ter um irmão servindo na praça; frequentar o curso theologico ou qualquer seminario ou Universidade.

Boa acção. — O sr. Conde de Agro Longo, nosso conterraneo, que ultimamente se achava de passagem no Porto, contemplou com o importante donativo de 250.000 reis a Real Officina de S. José, daquela cidade, sendo 200.000 reis para a referida Officina e 50.000 reis para o internado Gypriano Gil, que se acha frequentando o 4.º anno musical em Paris.

Digno de imitar-se.

Festa a S. José. — A Direcção do Circulo Catholico S. José e S. Damaso, desta cidade, promove, para o dia 19 do corrente, uma festa ao glorioso patriarcha S. José, patrono do Circulo.

Começaram hontem, ás *Ave-Marias*, na capella do Anjo, os exercícos de mês de S. José.

Em acção de graças. — Os directores da Caixa de Socorros dos Operarios Cortidores e Surradores de Guimarães mandaram celebrar uma missa, no passado domingo, na igreja da V. O. T. de S. Francisco, em acção de graças pelas melhoras do seu socio benefactor sr. Manuel Luis Carreira.

Foi celebrante o rev. sr. Padre Gaspar Roriz. Durante o acto, a que assistiu aquella corporação, tocou a banda *Boa União*.

Fallecimentos. — Falleceu domingo, no palacete de Villa Pouca, o sr. dr. Antonio Joaquim Rodrigues de Oliveira, general-medico reformado.

Contava 63 annos. Os restos mortaes do finado foram conduzidos para Chaves, para ahi terem logar os officios funebres com as honras militares a que tinha direito.

Nesta cidade foram celebradas missas geraes na igreja da Misericórdia, sendo tambem celebrada na capella da casa uma missa de corpo presente.

Tambem falleceu domingo, em S. Miguel de Creixomil, o sr. dr. Geraldo José Coelho Guimarães, habil clinico desta cidade.

O seu funeral realizou-se terça-feira, na igreja da V. O. T. de S. Domingos.

Que descansem em paz as almas dos extinctos.

A's familias enlutadas os nossos sentidos pesames.

Aposentação. — Acaba de ser approvada superiormente a deliberação da Camara Municipal deste concelho acerca da aposentação extraordinaria do amanuense sr. Antonio Pereira Machado, com a pensão annual de 180.000 reis.

Banco Commercial de Guimarães. — Reunio domingo a assembleia geral ordinaria deste banco para discussão do relatório e parecer do conselho fiscal relativos á gerencia do anno findo, que foram approvados por unanimidade.

O dividendo votado, relativo ao 2.º semestre de 1904, é de 2 e meio por cento.

Caminho de ferro de Braga a Guimarães. — Segundo lêmos, a linha ferrea entre esta cidade e a capital do districto passará no alto da Morreira, por Sande, proximo das Taipas e da fabrica de Campellos.

Para complemento dos estudos definitivos, depois da ultima aprovação do governo, diz-se que viram tres brigadas de engenheiros, fazendo uma os estudos de Braga a Guimarães, outra os de Braga aos Arcos de Val de Vez e outra dos Arcos a Monsão, sendo esses estudos seguidos logo dos trabalhos de construcção. Até vêr, porém...

Distribuição de premios. — Na fórma dos annos anteriores, a benemerita Sociedade de Martins Sarmento realisa, no dia 9 do corrente, pelas 11 horas da manhã, a sua sessão solemne de distribuição de premios aos alumnos mais distinctos das diversas escolas deste concelho.

Agradecemos o convite que nos foi feito para assistir a esse acto.

Missão religiosa. — Na igreja parochial de S. Pedro de Azurei principia no proximo dia 12 (1.º domingo da quaresma) uma missão que será pregada por alguns revs. sacerdotes do Collegio da Santissima Trindade. No primeiro dia o sermão será ás 3 horas da tarde; nos dias seguintes será ás 5 horas. Estes exercícos terminará no domingo immediato, dia de S. José, com uma pomposa festa ao glorioso Padroeiro da Igreja catholica.

A circunstância do tempo, a escolha dos oradores, a vizinhança da cidade, o intuito da solemneidade, tudo faz esperar numerosa concorrencia de fieis aos piedosos e necessarios exercícos. Queira Deus que o fructo seja copioso.

Preços dos cereaes. — No mercado do ultimo sabbado os cereaes venderam-se nesta cidade pelos seguintes preços:

| | |
|---------------------------|-------|
| Trigo | 18000 |
| Centeio | 780 |
| Milho alvo | 850 |
| Milho branco | 780 |
| Milho amarello | 760 |
| Feijão vermelho | 18100 |
| Feijão branco | 18200 |
| Feijão amarello | 920 |
| Feijão rajado | 800 |
| Feijão fradinho | 840 |

Ferías. — Começam hoje, no Seminario-Lycu desta cidade, as ferías carnavalescas, que se prolongam até ao dia 8.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

— Boletim Salesiano, n.ºs 2 e 3, relativos aos meses de fevereiro e março do corrente anno. Os summaries são os seguintes: N.º 2 — No lar, As Escolas profissionais de D. Bosco e o ensino artistico ou profissional, Pia União dos Cooperadores Salesianos, Fim da Exposição e juizo critico, O Representante do Successor de D. Bosco na America. *Missões*: Matto Grosso: Carta do Rev. P. Evasio Rabagliati. Graças de Maria Auxiliadora, Noticias de quem e alem mar, Necrologia. N.º 3 — A Igreja de Jesus Christo, Ao Santissimo e Beatissimo Padre Pio X, O Representante de D. Bosco na America. *Missões*: Colombia: Carta do Rev. P. Evasio Rabagliati—Terra do Fogo: Memorias do Rev. P. Beauvoir. Graças de Maria Auxiliadora, Noticias de quem e alem mar, Varias noticias — Turim — Valdoeco — Sliema-Malta — Goricia — Ibaguê, Cinco lustros de historia do Oratorio Salesiano de Turim.

— União Catholica, n.º 99, do 5.º anno. O seu summary é o que segue: As creanças e Jesus durante a sua vida occulta. Pio X e os Parochos. *Filigranas*—No Campo. Carta a uns bons amigos da Beira. Ouro velho. Obras no Seminario. O educador apostolo. Conversando. Excellencias do canto-chão. Constituições do Bispado de Portalegre. Noticias Ecclesiasticas do Bispado.

LITTERATURA

Um conto cor de rosa

As joias

Era em 1864. Rara a festa em que Esmeralda e Valentina se não encontravam, olhando-se, mirando-se e sorrindo-se. Havia entre ellas um não sei que de attracção... quem sabe? talvez do sangue; haveria entre ellas alguma afinidade? Talvez reminiscencias da infancia; quando ellas têm raizes fundas no coração, não ha tempo que as destrua.

E tanto se olhavam como quem muito se deseja mas não se atreve, até que um dia Esmeralda, deparando Valentina, dirige-lhe meigamente a palavra:

—Queira V. Ex.ª desculpar-me: parece-me que nossos olhos andam trocados...

—Confundidos de tanto se mirarem andam elles—retorquiu Valentina com uns assomos de ironia.

—Pois é tempo de lhes quebrarmos o encanto—disse Esmeralda—. Nós já nos vimos e fallamos algum dia...

—Talvez— respondeu Valentina—. Agradeço a V. Ex.ª a delicadeza da iniciativa de que eu não tive... a coragem.

—Diga, diga a minha audacia—atahou Esmeralda frisando o vocabulo.

—V. Ex.ª é muito amavel, mas eu não seria capaz de a melindrar intencionalmente—desculpou-se Valentina.

—Deixemos essas bagatellas... Eu estou adivinhando que fallo com uma ex-companheira de collegio...

—Talvez... teremos sido mais do que isso... Quem sabe se já fomos amigas, muito amigas?... Estarei fallando com a ex-alumna Ermeralda no Collegio Podestá no Porto?

—Eu mesma; e terei a ventura de ter encontrado Valentina?!

Reconheceram-se. Haviam sido companheiras naquelle collegio; entretanto custou-lhes reconhecerem-se. E' que os botões de rosa não ficam eternamente botões, obedecem á lei geral das transformações, assim aquellas duas meninas obedeceram a essa mesma lei que transforma os botões em rosas.

Entraram logo em confidencias as reminiscencias do passado, daquelle passado por onde passeiam as nossas ultimas saudades como longinquos pyrilampos que nos dão os ultimos clarões á existencia.

Que de idyllios não segredaram ellas! Tempos do collegio! Oh! quanta recordação nos vem á alma como as boas-noites, flores que entreabrem as petelas ao despontar da aurora e as cerram logo ao transmontar do sol! Então a infancia encontra-se com o declinar da vida, e quando estas duas extremidades da existencia se tocam... adeus, horisontes!...

Mas vamos ás duas amigas. Em um rapido perpassar de memoria pelo theatro da infancia, firmaram as nossas duas horoinas e confirmaram a amizade que já mais deverá ter intermitencias. Estreitaram-se em um longo amplexo que fazia lembrar o *Iris* restaurando a paz do ceu com a terra.

—Mais de espaço daremos expansão aos nossos affectos—disse Valentina—Ver-nos-hemos breve, sim?

—Espero que me visitarás amanhã—disse Esmeralda—Olha: toma o meu endereço. Meu marido é bastante gentil para applaudir este nosso feliz encontro: verás que cavalheiro elle é... E' excessivamente prodigo commigo: ama o que eu amo, aborrece o que eu aborreo. Não cança em mimos e caricias, e como sabe que sou fanatica pelas joias, não poupa dinheiro com ellas: tenho joias de um preço e dum gosto!... vê-las-has. Irei depois pagar-te a visita e então mostrar-me-has tambem as tuas, não é verdade? Certamente teu marido... como se chama elle?

—Heitor—respondeu Valentina com um dissimulado enfado.

—Pois bem; o teu Heitor é naturalmente delicado como o meu Gustavo; exultará tambem com a surpresa do nosso encontro, não é assim? Elle deve ter presenteado muito a minha cara Valentina, não é?... Tens muitas joias?... Está bom... está bom... guarda-as para as surpresas... Adeus.

Despediram-se com a futil pragmatica de todas as despedidas: Esmeralda, radiante de orgulho e preocupada com as phantasias banaes de uma ostentação que acaba por atrophiar a alma e o coração, dirigiu-se logo para casa a passar revista ás suas joias, as quaes haviam de provocar em Valentina um cumulo de inveja, pensava ella. Coitada! não tinha nascido em outro meio, nem achára marido que soubesse ageitar aquella vaidosa á missão para que nascera a mulher!

Valentina, desvendado o mysterio daquellas seduccões de olhares a que era levada, mais por uma frivola curiosidade tam peculiar ao seu sexo, não se preocupou com os alaridos do coração, parecendo-lhe cousa muito natural aquella coincidência que... por fim de contas, não passava de coincidência mesmo. E' que Valentina deixára em casa todo o objecto de seus cuidados e preocupações, porém não se esquecera de visitar amanhã a sua amiga Esmeralda.

Passou-se o dia. Vamos acompanhar Valentina a casa de Esmeralda que a espera quasi impaciente. Quer que ella veja e admire os seus estofos, as suas joias, todo o seu luxo, joias, estofos e luxo que muito pouca gente tem, e que para ella é o objecto de seus cuidados.

Lá para os lados de Bemfica, em Lisboa, em um bello palacete, habita Esmeralda com seu esposo, filho de um banqueiro do Porto. Gustavo era caixão do banco de seu pai, mas achava-se em Lisboa a passar uma temporada lyrica do S. Carlos.

Valentina chegára á uma hora da tarde. Que abraços! que beijos! que transportes! nem duas irmãs que se não vissem por muitos annos!

—Entim quis o ceu que nos encontrassemos!—exclamou Esmeralda—Entra, vem descansar um pouco; depois correremos a casa... não é uma casa, é uma mansão onde eu e Gustavo passamos uma vida... já foi... já foi de delicias... olha: o prazer, por muito tempo, enfastia... mas... vivemos felizes. Quando me sinto aborrecida, ponho o meu chapéu, tomo o *electrico* e vou até no Chiado, ou passeio pela Avenida. Gustavo dá-me toda a liberdade; é certo tambem que eu não o prendo; elle vai e vem quando e para onde quer, e adeus! nem eu lhe tomo contas, nem elle a mim. Não tenho canceiras nem cuidados, entretanto sinto ás vezes que me falta alguma cousa, nada me faltando...

Tenho dias de supino aborrecimento! preciso de uma preocupação, mas em que?... O piano está quasi sempre em ferías... aborrece-me a musica... As flores... é verdade: olha os amores deste vaso á janella, e esta tulipa... fui eu que plantei... mas, ás vezes tambem me aborrecem as flores. Passo melhor o tempo revendo e cuidando as minhas joias. Quando Gustavo percebe o meu tédio, vem logo com uma joia nova; já se vê, joia nova requer *toilette* nova. Então sim, apraz-me o baile ou o theatro.

—E's muito feliz, minha Esmeralda. Para complemento dessa felicidade, devias ter um filhinho. Verias que esses enjoamentos se dissipariam...

—Deus me livre! Um filho? então que seria de mim? Sem a liberdade que goso... Nada, nada; assim como estou, fico muito bem. Já descanças-te? Vamos correr a casa—e levantaram-se.

—Ao teu dispôr—respondeu Valentina.

—Vamos á sala de jantar. Esmeralda, depois de servir a amiga de alguns doces, fructa e um calice de vinho, correu toda a casa com Valentina.

Que luxuosa mobilia! que riqueza de tapetes e cortinados! alfaias de gosto e preço admiraveis! Entraram depois no aposento de dormir, onde havia o requinte do luxo e phantasia. Esmeralda comprazia-se em observar as emoções de sua amiga que a surpresa do luxo lhe parecia causar.

—Agora vais vêr as minhas joias—disse Esmeralda, abrindo um cofre de pau-santo marchetado de ebano e madreperola.

—Aqui tens o meu mais rico collar de perolas finas; esta bonita cruz de ouro com estes tres bonitos rubis; olha: estas pulseiras, vê? tudo isto sam joias do noivado. Agora estas, mais estas, e estes anneis...

E uma enfiada de adereços de ouro, pedras, etc. etc.

Valentina nunca vira tanta joia junta e tam rica! mas pensa a leitora que ella se edificava com esta ostentação, ou sentira ao menos sequer um *pique* de inveja pelas joias de Esmeralda? Qual! se ella as tinha, ainda que não tantas, mais ricas e mais bellas!...

—Agora os meus plaqués finos. Como imitam o ouro, não achas? se to não dissera, haviás de jurar que ouro eram... com franqueza!...

Valentina sentiu um certo desfallecimento de enjão daquella que tanto se lhe distanciava pela vaidade e tóla ostentação; entretanto Esmeralda pensou enxergar nesta especie de frieza, quasi indifferença com que Valentina olhava para essas joias, um *que* de inveja, se não de despeito.

(Continúa.)

DELFIN MARIA.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juízo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado está pendente um processo de inventario orphanologico, por obito de Manuel José da Silva e sua mulher Maria Josepha de Abreu, que foram moradores no logar do Miradouro, da freguesia de Creixomil, desta referida comarca, no qual é inventariante Francisco José da Silva Guimarães, casado, da rua de S. Damaso, desta cidade; e no mesmo processo correm editos de trinta dias, que começaram a contar-se apos a segunda e ultima publicação deste annuncio, citando Domingos José da Silva, solteiro, maior, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, e filho dos inventariados, para assistir a todos os termos, até final, do já mencionado inventario, sem prejuizo do seu andamento.

Guimarães, 15 de fevereiro de 1905.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Silva Leal.

O escrivão do 4.º officio,

Joaquim Penafort Lisboa.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em português

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe "pro Ecclesia et Pontificie" e redactor da "Revista Catholica."

E' por todos sabida a importancia cada vez mais extraordinaria da grande e espantosa questão social, que, desde ha muitos annos, absorve as attentões dos governos, tanto das nações mais humildes, como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais altos interesses, não só politicos, economicos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão XIII empregou, durante o seu longo pontificado, para dar-lhe uma solução harmonica com os direitos da justiça e da caridade.

Quantas e quantas vezes não só nas Encyclicas memoraveis, mas também nos seus discursos e allocuções, se occupou desta questão gravissima, inquestionavelmente a primeira de todas as que absorvem a attenção da Igreja e dos Estados? E, todavia, em Portugal, sé desde ha tem poucos annos é que a imprensa se bem della occupada, e pouco, bem pouco, na verdade, se tem escripto sobre esta grandiosa questão, de todas a mais caudante e monumental.

Desde ha muito que andavamos premeitando a publicação duma obra em que ella fosse tratada scientificamente e magistralmente, em toda a sua profundidade e ramificações multiplices.

Tinhamos conhecimento de varias obras, mais ou menos volumosas, mas bem poucas nos satisfiziam completamente. Umam eram nimiamente resumidas, e isto o maximo numero, outras nimiamente volumosas. E assim nos achavamos embaraçados na escolha.

No meio da nossa indecisão escrevemos a um nosso douto amigo de Roma, que vive no meio sabio daquelle cidade, para que, depois de ouvir a opinião de pessoas competentes, nos indicasse a que melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconselhou-nos a traducção em português do *Curso de Economia Social*, do R. P. Ch. Antoine, S. J., lente cathedratico da Universidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e, quanto mais lemos, mais nos convencemos da optima preferencia que, entre todas lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrações do douto cathedratico da Universidade catholica de Angers, o qual, encarregado de ensinar a complicadissima e vasta sciencia de economia social, conseguiu reduzi-la ao methodo scientifico, com grande proveito dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito volumosa, é vasto, as materias apresentam-se methodicamente coordenadas, e, apesar de scientifica no seu fundo, é clara, essencialmente pratica, que é o que mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as questões multiplices que dizem respeito a economia social, que hoje apresenta um aspecto todo differente do que era nos tempos passados, em razão da revolução immensa que os machinismos modernos vieram introduzir nas industrias, no commercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é somente util, mas de absoluta necessidade para todas as pessoas illustradas, seja qual for a sua profissão; o rev. clero e os catholicos precisam de estudá-la para saber a orientação que devem seguir no meio do labyrinth de opiniões encontradas, e muitas dellas falsas, de que o socialismo e anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicidade a esta obra monumental, que será cuidadosamente revista, é a certeza de que prestamos um valiosissimo serviço, não só á Igreja, mas á propria sociedade civil, que tanto precisa ser elucidada sobre a questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima recommendação fariamos della aos Seminarios, onde o ensino da economia social se torna duma urgencia summa, attentas as circumstancias do nosso tempo. Para texto não se encontrará compendio mais nas condições, a que nada falta nem o methodo nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço de **160 reis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsabilarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; angariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

O Divorcio

Refutação historica, jurídica e philosophica dum projecto desastrado dum deputado infeliz, pelo antigo redactor da *Ordem* e professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo correio accresce o porte de 30 reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular Portuense, largo dos Loyos, 44, e na Chapelaria Costa Braga, rua de Santo Antonio.

Em Braga — Livraria Escolar, e na redacção do *Commercio do Minho*.

Os pedidos feitos a esta redacção promptamente seram também satisfeitos, quando acompanhados da respectiva importancia.

Nova Agencia

DE

Negocios ecclesiasticos

SOB A DIRECÇÃO

DE

GERMANO DA SILVA

Solicitador official da Camara Patriarchal

Encarrega-se de todo e qualquer despacho ecclesiastico dependente das camaras ecclesiasticas portu-guesas, Nunciatura, Roma ou de qualquer dos Ministerios.

Trata de cartas regias, dispensas matrimoniaes, processos ou dispensas para ordenações e de qualquer negocio congenere com a maxima ligeireza e economia.

Praça do Municipio, 32-2.º

LISBOA

ESTA interessante publicação que está sahindo das officinas da TYP. MINERVA VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que o seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos interesses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographicas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e particulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os quatro primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes, pelo menos, e deverá estar concluida em fins do corrente anno de 1904.

Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS DO CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ

Por José Candido Gomes

Condições de publicação.—Todos os cavalheiros que accitaram o 1.º volume com declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 reis cada volume nesta villa, e mais 50 reis fóra d'ella quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 reis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de 500 reis.

Assigna-se e vende-se na TYP. MINERVA VIMARANENSE, rua de Payo Galvão—Guimarães e em casa do auctor no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ.

Pedro Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.º volume da segunda edição portugueza da importantissima obra de Scavini—*Theologia Moral Universal*—revisada e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição latina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 884 paginas, com o retrato do auctor, brochado, 28000 reis.

Continua aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.

Pedidos ao editor e proprietario José Maria d'Almeida — Rua Grão-Vasco — Vizeu.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga, da idade media, moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor do Seminario dos Carvalhos

2 volumes..... 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª, rua do Almada, 119 a 123 — Porto.

OS CENTROS NACIONAES

PELO

DOM PRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 reis.

Confeitaria Fernandes

Largo da Oliveira

AZEITE LEGITIMO DE MONCORVO.

Especialidade em generos de mercearia e confeitaria: sonhos, tortas, sardinhas de doce, morcellas feitas pelo systema de Arouca, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, toucinho do ceu de primeira qualidade, caixas de fructas crystallizadas com enfeites, proprias para brindes, etc.

O proprietario recebe encomendas de doce de prato, respondendo pela perfeição e aceio do seu trabalho.

PREÇOS CONVIVATIVOS.

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas da verdade da religião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas

POR

J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO FRANCESA

POR

GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional"

Com auctorização do Ex.º e Rev.º Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42 — 1.º andar — Porto.